

CADERNOS

TRILHOS

Coleção Literaturas do Recôncavo

UFRB • CECULT ☼ n. 1, maio de 2022

Deisiane Barbosa

andarilha de cartografias insólitas

Organização de:

Aline Souza Mota Nogueira

Arilma Reis Conceição

Rubens da Cunha



CADERNOS

TRILHOS

Coleção Literaturas do Recôncavo, n. 1, maio de 2022

© dos autores

COMISSÃO EDITORIAL

Daniel Góis Rabêlo Marques
Lia da Rocha Lordelo
Lucio José de Sá Leitão Agra
Mariella Pitombo Vieira
Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa
Rodrigo Heringer Costa
Rubens da Cunha
Thais Fernanda Salves de Brito
Victor Hugo Soares Valentin
Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins
Walter Emanuel de Carvalho Mariano

COORDENADORES DESTA EDIÇÃO

Aline Souza Mota Nogueira
Arilma Reis Conceição
Rubens da Cunha

IMAGEM DA CAPA

Kelvin Marinho

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Walter Mariano

GERENTE TÉCNICO DO SITE

Victor Hugo Soares Valentin



COMITÊ CIENTÍFICO

Albino Rubim
Universidade Federal da Bahia

Ana Ângela Farias Gomes
Universidade Federal de Sergipe

Ayrson Heráclito Novato
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Carlos Sandroni
Universidade Federal de Pernambuco

Caroline Knowles
University of London/Goldsmith

Deise Lucy Oliveira Montardo
Universidade Federal do Amazonas

Edson Farias
Universidade de Brasília

Eduardo Pedrózian
Universidad de Montevideo

Eva Scheliga
Universidade Federal do Paraná

Fernanda Areas Peixoto
Universidade de São Paulo

Julie Antoniette Cavignac
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Liliana Reales
Universidade Federal de Santa Catarina

Lucrecia Ferrara
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Márcio José Silveira Lima
Universidade Federal do Sul da Bahia

Maria Teresa Perdigão Santos Oliveira Rito
Universidade Nova de Lisboa

Michael Iyanaga
College of William and Mary

Renato Peixoto Dagnino
Universidade de Campinas

Ricardo Basbaum
Universidade Federal Fluminense

Samuel Mello Araujo Jr.
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Suely Rolnik
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Sylvia Caiuby Novaes
Universidade de São Paulo

Vincenzo Matera
Università di Bologna

Xavier Coller
Universidad Pablo de Olavide

Xavier Vatin
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Editorial

A Revista Trilhos, periódico interdisciplinar semestral editado pelo Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) apresenta seu novo projeto: Cadernos Trilhos. Com ênfase na análise aprofundada de temas e personagens relacionadas às múltiplas linguagens da cultura, Cadernos Trilhos une pesquisa, experimentação metodológica, envolvimento de estudantes, divulgação acadêmica e produção de materiais didáticos. Para inaugurar este novo projeto, apresentamos a Coleção “Literaturas do Recôncavo”.

A coleção “Literaturas do Recôncavo” é um dos resultados da pesquisa intitulada “Estudos Críticos sobre a literatura contemporânea do Recôncavo Baiano”, coordenada pelo professor, cronista, poeta, doutor em literatura Rubens da Cunha. Em 2016, Rubens e sua equipe iniciaram o mapeamento da produção literária do Recôncavo e de seus escritores. A partir desta iniciativa, uma criteriosa seleção de obras literárias foi elaborada, proporcionando caminhos para análise da literatura feita por autoras e autores nascidos e/ou residentes no Recôncavo Baiano à luz dos estudos literários, culturais e antropológicos. O projeto de pesquisa inclui, também, a realização de oficinas de leitura, de análise e de produção textual com uma equipe de pesquisadores empenhados nesta aventura.

Esse primeiro número, organizado por Aline Souza Mota Nogueira, Arilma Reis Conceição e Rubens da Cunha, apresenta a obra de Deisiane Barbosa, a “andarilha de cartilhas insólitas”. Aceitamos o convite para vivenciar a densa proposta da artista e poeta, ao mesmo tempo em que passeamos pelo Recôncavo da Bahia, suas memórias e seus caminhos. Guiados por palavras e imagens de Deisiane, experimentamos modos de se produzir conhecimento enquanto encantamos a vida, ao mesmo tempo, exploramos novas possibilidades de análise literária por meio de diálogos profundos entre pesquisadores em formação, mentoria e texto.

Por fim, convidamos vocês a se manterem atentos ao projeto gráfico da Cadernos Trilhos. Seguindo os passos da identidade visual de sua publicação “mãe”, Walter Mariano, professor, designer e artista gráfico, segue em sua busca por borrar os limites ficcionais que separam as perspectivas disciplinares da ciência e das artes. Deisiane, de certa forma, encarna, então, mais uma camada: torna-se a musa que leva o designer a trilhar o Recôncavo pelas andanças da poeta.

E a estrada se inicia

*e lá se vão
janelas, telhas, passos, passados...*
Deisiane Barbosa

Andar. Andarilhar. Sair mundo afora. “Correr mundo, correr perigo” como diria Caetano Veloso. Mas também ser retorno. Retornar ao ponto de partida. Ser sempre um ponto de partida e de chegada em qualquer lugar que se esteja. É sob essa premissa que o Projeto de Pesquisa “Estudos críticos sobre a literatura contemporânea do Recôncavo baiano” apresenta o 1º *Caderno Literaturas do Recôncavo*, dedicado a Deisiane Barbosa.

“Não há percurso que eu trace onde eu não leve a casa nas costas” nos diz a poeta em seu livro *Desavesso* (2016a). Natural de Cachoeira (BA), Deisiane é uma “artista-etc”¹ - como costuma se nominar - que experimenta um processo criativo multimodal, cuja articulação se dá em diversas linguagens e territórios. Dessa forma, ao mesmo tempo em que é uma poeta nascida no Recôncavo e profundamente ligada a esse território, Deisiane é, também, uma andarilha em viagem que está produzindo uma obra com essas mesmas características: em movimento, em idas e vindas, com palavras em trânsito, um corpo em diáspora, mas enraizado em sua comunidade, em suas memórias.

Deisiane multiplica-se, hibridiza-se, desfronteiriza-se nos trânsitos entre o Povoado do Cruzeiro, Cachoeira, São Félix, Feira de Santana, Itaparica, o Recôncavo, Salvador, Olinda, Recife, Salgueiro e Serra Talhada e onde mais houver lugar para chegar e partir. Trata-se de um trabalho em trânsito que deixa, nos caminhos por onde passa, alguns pedaços dessa experiência, seja em poemas, cartas, vídeos, instalações, conversas, performances. Isso faz com que a poética de Deisiane Barbosa assuma uma perspectiva contemporânea, pensando aqui o termo contemporâneo como algo que associa território e tempo.

¹ Artista-etc” é um termo que ficou consagrado por um livro “manual do artista-etc” de Ricardo Basbaum (2013) (n.e.).

De acordo com Jorge Augusto (2018, p. 40), a produção artística contemporânea fora dos eixos hegemônicos tenciona e alarga os limites do que é contemporâneo, pois, além de temporal, é, “decididamente, uma noção territorial”. Estamos pensando aqui o território dentro de uma perspectiva não estável, com temporalidades e conjunturas diversas e que resiste às homogeneizações universalizantes. Aqui, assumimos a perspectiva de que o contemporâneo, na literatura brasileira, é o que está sendo feito, justamente, fora dos centros políticos, econômicos e culturais predominantes e o que ficou fora da tradição. Ainda nas palavras de Jorge Augusto (2018, p. 52): “não se trata de um ‘ir a campo’, etnografar a oralidade ou os gêneros específicos que circulam mais fortemente”, mas “trata-se de um ‘pensar desde o corpo’ (...) concebendo esse corpo como parte indissociável do território, quando não mais radicalmente, pensar o corpo como o próprio território.” A partir dessa perspectiva de contemporâneo como tempo e território, pensaremos as imagens ardentes que se mostram no trabalho poético-artístico de Deisiane Barbosa. Um trabalho que está não apenas sendo construído nesses territórios, mas está sendo muito afetado por eles.

Neste *Caderno*, traçamos um percurso pelos principais trabalhos artísticos-performáticos de Deisiane, bem como apresentamos uma seleção de poemas e textos advindos de seus livros: *Desavesso* (2016a), *Refugos* (2019b) e *Cartas a Tereza* (2021). Além disso, a poeta nos concedeu uma entrevista na qual revela seus começos, seus processos criativos e projetos. Por fim, trazemos três depoimentos de leitura: Rubens da Cunha aborda as imagens ardentes de Deisiane, Aline Souza Mota Nogueira discorre sobre o seu encontro com a obra e com a autora e Arilma Reis Conceição faz um breve relato sobre a memória e o cotidiano em *Cartas a Tereza*.

A equipe organizadora do 1º *Caderno Literaturas do Recôncavo* lhes deseja uma boa caminhada.

Equipe colaboradora do projeto *Estudos críticos sobre a literatura contemporânea do Recôncavo Baiano*

Ailton Queiróz Fraga Junior
Aline Souza Mota Nogueira
Arilma Reis Conceição
Caíque Santos dos Santos
Rubens da Cunha
Viviane Ramos de Freitas
Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins

Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – CECULT / UFRB

Recôncavo, Maio de 2022

Caminhos

- 7 Seguindo algumas pegadas
- 15 Pontos de parada em *Desavesso*
- 21 Pontos de parada em *Refugos*
- 27 Pontos de parada em *Cartas a Tereza*
- 33 Uma conversa enquanto se anda: “caminhar e sonhar é a teimosia que persiste”
- 46 Leitura andarilha 1: as imagens ardentes de Deisiane Barbosa
- 52 Leitura andarilha 2: sob o olhar de uma Tereza
- 55 Leitura andarilha 3: memória e cotidiano em *Cartas a Tereza*
- 57 Os mapas

Seguindo algumas pegadas

Como ler, pensar, analisar um processo criativo em constante movimento? Talvez, olhando as pegadas que ele vai deixando pelo caminho. No caso de Deisiane Barbosa, muitas desses rastros estão concentrados no trabalho chamado *Cartas a Tereza*. Um projeto artístico que está completando uma década e se desdobrou em livro, instalação, pesquisa acadêmica², e-book, performance, vídeo, dança.

Tereza passou a ser um nome chave para o processo criativo, aparecendo dentro de um conto fantástico em 2011³.

Tereza me veio nas primeiras cartas escritas em 2011. Primeiro surgiu dentro de um conto fantástico, no qual uma moça desfia, como se fosse uma tessitura em crochê se desmanchando; logo depois dessa primeira menção, prossegui escrevendo cartas como um exercício de escrita e Tereza permaneceu como destinatário da minha correspondência”. (BARBOSA, 2016, p. 9)

A partir dessa data, Deisiane deu continuidade à escrita de cartas tendo sempre Tereza como destinatária. Assim, a busca contínua por outras Terezas, outras destinatárias possíveis tornou-se um processo artístico de pesquisa, memória e catalogações, que compõe uma mulher de múltiplas faces. Além disso, essa Tereza é encontrada também no processo de andar, de visitar os lugares, numa espécie de diáspora controlada da poeta que, ao assumir-se como pesquisadora, explica seu processo criativo da seguinte forma:

Por muito tempo escrevi cartas sem obter qualquer resposta precisa. Embora chegasse pouco ou nenhum conteúdo em minha caixa postal, alguma certeza eu tinha de que as cartas remetidas à Tereza não se perdiam simplesmente. Passei a arriscar fragmentos dessa correspondência em caixas de correios localizadas em ruas por onde eu passava; deduzi que as cartas alcançavam alguma espécie de destinatário abstrato, anônimo, que se concretizava como tal ao rasgar as bordas do envelope, ou recolher no batente da sua porta algum dos cartões-postais remetidos por mim. Isso, por si, já alimentava o meu impulso de escrita. (BARBOSA, 2016, p. 9)

² Deisiane é uma artista-pesquisadora. Encontramos, portanto, algumas pegadas em seu trabalho de conclusão de curso *Cartas à Teresa: confluências entre escritas, imagens e errâncias na cidade*, defendido na Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, bem como na sua dissertação de mestrado em artes visuais, *Inventário /da ilha\ de Tereza: processos de escritas e inscrições de um livro de artista expandido*, defendida no começo de 2020, na Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

³ Parte do processo criativo pode ser visto na página <https://andarilhaedicoes.com.br>.

Deisiane passou a sistematizar melhor esse processo com caminhadas, observações, conversas, entendimentos do território e do tempo, que foram sendo condensados em longas cartas que são escritas para Tereza que, em determinado momento, foi uma espécie de alter ego de sua avó, mas, aos poucos, foi se tornando uma personagem com múltiplas faces, idades, pertencimentos, ora reais, biográficas, ora imaginadas, inventadas. Esse processo se deu “numa progressão sutil, ligeiramente consecutivo, ligeiramente simultâneo” (BARBOSA, 2016, p. 20)

Desde 2011, a poeta trabalha hibridizando as linguagens artísticas. Nasceram assim, até agora, a performance *A moça que desfiou*⁴; a videoarte *Os dias circulares*⁵; a videocarta *23 de janeiro* presente no projeto coletivo *(auto)lou.cu.ra*⁶; o método de vivência artística denominado *Erranciar* e o uso da lomografia como processo capaz de capturar os momentos, as experiências de cada cidade visitada; a publicação de uma série de cartões postais, intitulada *cartões-postais à Tereza / caixas de entrada*, aliando texto e fotografia (figura 1 e 2). Inclusive, fazia parte da parte desse processo a distribuição dos cartões nas caixas de correios:

Distribuí os postais em caixas de correios – elo de correspondência entre o mundo externo e o anônimo interior das casas. Novamente a incerteza quanto ao rumo ou à efetivação da correspondência, uma vez que nunca recebi respostas diretas referente ao recebimento dos cartões-postais.” (BARBOSA, 2016, p. 48)

Os cartões postais integraram também a exposição do Salão de Artes Visuais da Bahia (2014), na cidade de Camaçari-BA e a exposição especial do conjunto de obras premiadas na edição de 2013 e 2014 do Salão de Artes Visuais da Bahia, no Museu de Arte Moderna da Bahia.

⁴ Em 2013, essa performance participou do Salão de Artes Visuais de Feira de Santana (BA)

⁵ Disponível em <https://vimeo.com/109497837>

⁶ Projeto coletivo do curso de Artes Visuais, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Em 2021, Deisiane revisita a carta, publicando-a na segunda edição de *Cartas a Tereza*. A poeta também faz um outro vídeo com o texto dessa carta, que está disponível em <https://vimeo.com/535976276>.

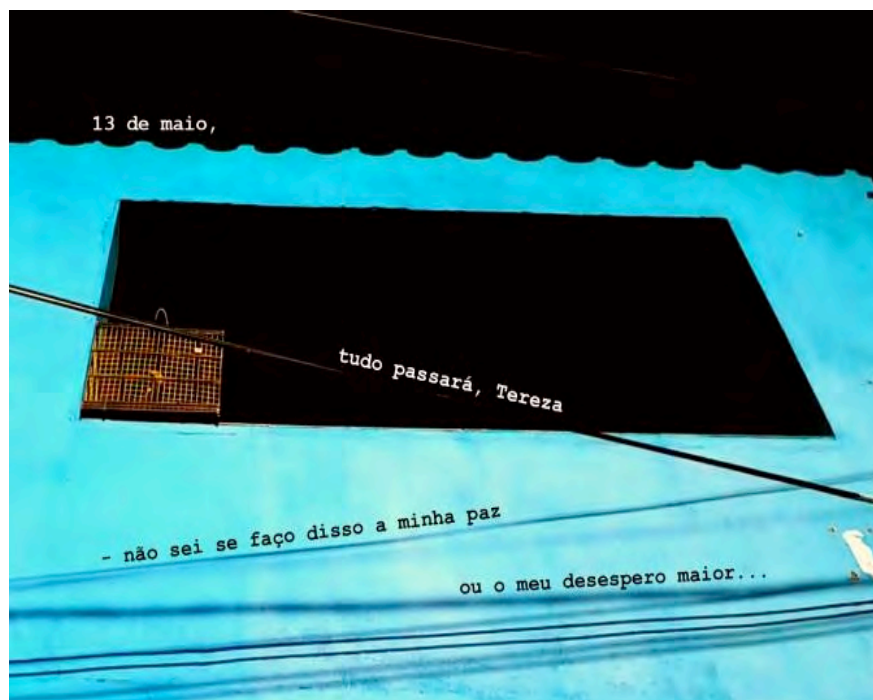


Figura 1: *cartões-postais à Tereza / caixas de entrada*, 2014.
Cartão-postal. Foto: Deisiane Barbosa



Figura 2: *cartões-postais à Tereza / caixas de entrada*, 2014.
Cartão-postal. Foto: Deisiane Barbosa

Também houve a intervenção urbana / instalação *Cadê Tereza?* ocorrida em Feira de Santana – BA. No final de 2015, a intervenção urbana com a série dos (dezoito) *cartões-postais à Tereza / Cachoeira*, fez parte da exposição coletiva *Confluências*, ocorrida no Espaço Cultural Hansen Bahia, na cidade natal de Deisiane, Cachoeira – BA. (Figura 3)



Figura 3: *cartões-postais à Tereza / Cachoeira, 2015.*
Intervenção urbana / instalação, Espaço Cultural Hansen Bahia,
Cachoeira-BA. Foto: Jamile Menezes.

Nessa mesma exposição, Deisiane catalogou diversos perfis, ora reais, ora inventados e os expôs em fichas sobre uma mesa. (Figura 4)

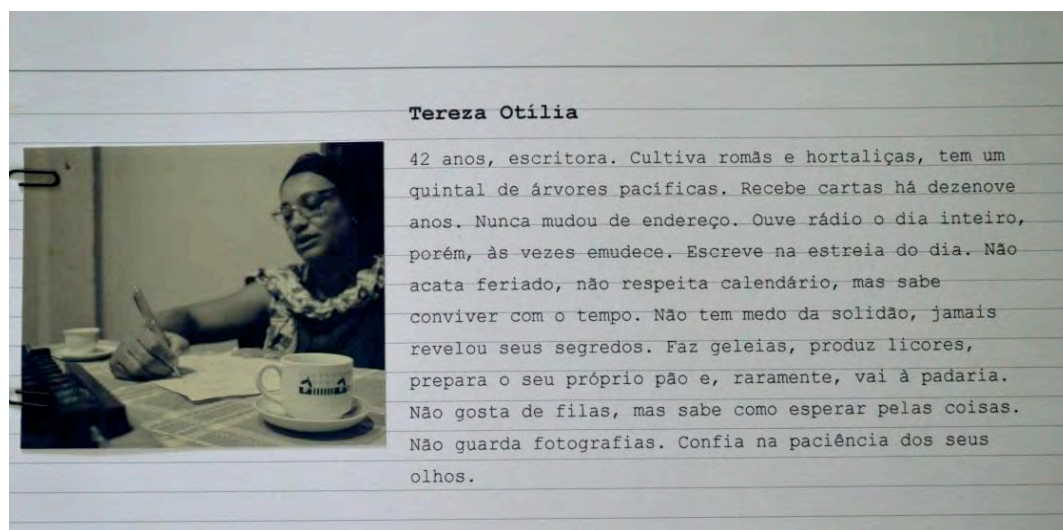


Figura 4: *cadê Tereza?, 2015.* Instalação / arquivo.
Foto: Deisiane Barbosa.

Além disso, a poeta também abriu a possibilidade para as pessoas, que vissem a exposição, pudessem escrever as e às suas Terezas. (Figura 5)



Figura 5: *cadê Tereza? / carta-processo*, 2015. Instalação / arquivo, Espaço Cultural Hansen Bahia, Cachoeira-BA. Foto: Kelvin Marinho.

Em 2015, houve uma edição independente de 100 exemplares de *Cartas a Tereza: fragmentos de uma correspondência incompleta*, primeiro volume de um livro-objeto, produzido artesanalmente, em uma tiragem de 100 exemplares (Figura 6).



Figura 6: *Cartas a Tereza: fragmentos de uma correspondência incompleta.*, 2015. Livro-objeto. Foto: Deisiane Barbosa.

Entre 2017 e 2019, o projeto, assim como as andanças de Deisiane, saíram do Recôncavo e foram andarilhar em outros terrenos. A experiência de caminhada, mirada, escuta e escrita passou pelas cidades de Olinda, Recife, Salgueiro e Serra Talhada, em Pernambuco. Foi nesse período que Deisiane entrou no Mestrado em Artes Visuais, no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal da Paraíba. A dissertação *inventário / da ilha \ de Tereza: cartografias de um livro devir* aprofunda a pesquisa como “uma cartografia de percursos criativos do “inventário / da ilha \ de Tereza”, um livro em processo que se expande da escrita literária à produção de narrativas poéticas em performance e vídeo.” (BARBOSA, 2020, p. 7). Como não poderia ser diferente em Deisiane, sua dissertação também transita entre as fronteiras de gêneros, ou de ilhas, pois é chamada por ela de “livro-arquipélago”. Além disso, parte dessa pesquisa se tornou uma instalação que foi exposta na *Tramações 2 – Cultura Visual, Gênero e Sexualidades*, na UFPE, em Recife (Figuras 7 e 8).



Figura 7: foto de Kelvin Marinho.



Figura 8: foto de Kelvin Marinho.

Em 2021, *Cartas a Tereza* ganhou uma segunda edição, revista, ampliada, em *e-book* e, posteriormente, numa edição impressa. O projeto teve apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc.

Nesse período, Deisiane Barbosa também lançou dois livros de poesia: *Desavesso* (Ed. da Autora, 2016a) e *Refugos* (Segundo Selo, 2019b). Os dois livros revelam uma poeta marcada por uma subjetividade profunda trazida à tona através de uma linguagem límpida, eivada em delicadezas, forças, algumas denúncias, mas também anunciadora de muitos olhares incisivos e decisivos.

Desavesso é um pequeno livro de poemas costurado à mão, com fotografias coladas e, ao centro, um envelope com uma folha de papel contendo outros poemas. Dividido em 5 capítulos intitolados: “poemas-errantes”, “poemas-pagãos”, “poemas-de-bicicleta”, “poemas-de-amor-violado”, “poemas-de-avesso” e “poemas-comprimido”⁷. Após o lançamento de *Cartas a Tereza* em forma de livro-objeto, *Desavesso* vem consolidar mais essa faceta de Deisiane Barbosa, a costuradora de livros, a

⁷ Esse capítulo vem na folha separada dentro do envelope

fazedora de livros que, mais do que suporte para os poemas, se tornam um espaço de morada, melhor, de hospedagem para poemas tão andarilhos. Não por acaso, posteriormente, Deisiane Barbosa inicia a Andarilha Edições (<https://andarilhaedicoes.com.br/>), especializada em pequenas tiragens, feitas a mão, em que cada livro se revela um objeto estético diferenciado.

No ano de 2019, Deisiane é convidada para participar da “Coleção Das Pretas” da Editora Segundo Selo, de Salvador (BA). *Refugos*⁸ é o primeiro livro que escapa das mãos de Deisiane para ser editado por outra pessoa.⁹ Trata-se de um livro, cuja reunião de poemas, apresenta uma temática e uma linguagem mais contundente, ritmada por urgências como a luta antirracista, as questões de gênero, a existência num mundo apedrejado por injustiças. Aqui, a poética de Deisiane ganha mais densidade, destreza, talvez advinda de uma voz mais experiente, capaz de dizer que “dói / ser a mão abrindo a palma / em carne viva” (BARBOSA, 2019b, p. 48) mas também sabe que “ninguém jamais / poderá frear o vento, / ninguém sequer perscruta / o percurso da corrente / de ar.” (BARBOSA, 2019b, p. 56).

⁸ <http://editorasegundoselo.com.br/loja/destaque/refugos/>

⁹ Na entrevista a seguir, Deisiane comenta sobre essa experiência.

Pontos de parada em *Desavesso*

habitares

não há percurso que eu trace
onde eu não leve
a casa
nas costas

para onde quer que eu ande
levo o quarto,
a cozinha e a minha
sala de estar

moro inconstante
moro fugaz
moro sem me
demorar,

minha casa é todo caminho
onde imprimo
meus passos
ligeiros

dezembro

em dezembro desabo
definho
d e s f i o
longos passos
de uma lâmina-existência

um outono ressabiado
varre enfim o calendário
ligeiro
escorre o peso
dos dias idos
embaçam arrependidos
meus olhos distantes

dezembro
arrebenta
o meu peito
alinhavado

saudoso sagitário
navego nostalgia
correnteza inquieta
dos meus derradeiros
dias

{ d o a n o }

a grafia de uma lesma
tonta
riscou a tarde
d'uma parede
amarela

decepar a língua
não acalma o silêncio

é possível ensurdecer
sem ter dito um ai



(Desavesso. Foto: Deisiane Barbosa)

atravessia

olhos de outubro
têm visto o rio
verde-claro

uma maresia amena
açoita suave
o vento
me puxa os cabelos
do pensamento solto.

quem dera fossem águas
a minha vida inteira,
se águas tranquilas
fossem
o meu caminhar sob
a ponte...

atravesso um
curso
rio
riso
de olhos semicerrados

ininterruptas horas
transpassam fio a fio
o cabelo esvoaçando

no extremo da ponte:
quem sou eu a[o]final?

dou meia vota
incontáveis vezes
e faço da minha vida
um rio
momentâneo

hibernação

gosto do inverno seco
o inverno ensolarado
frio que a janela traga
sem molhar os pés
do meu cabelo.
do inverno como um estado
de espírito
envolta nas roupas de lã
as mãos tateando brasas

imersa no cobertor,
afogada
em livros e os ecos
que me visitam de fora
p'ra dentro

o inverno
como cortejo que me faço
como convite p'ra não sair
portafora

o inverno
quando me adentro
como quem irrompe
sem medos
cega
no olho de um labirinto

Pontos de parada em *Refugos*

Bomba de efeito moral nº 2

uma coisa se movendo vermelha é um alvo
alguma coisa se movendo vermelha é um alvo
qualquer coisa se movendo vermelha é um alvo

(preta, onde também se lê vermelha)
(parada, onde também se lê movendo)

(preta parada movendo qualquer

alvo
alvo
alvo)

a
ver
melha em
pre
tece

um alvo se movendo preto é vermelho
algum preto parado e vermelho é coisa
qualquer vermelho se movendo preto é um alvo

Parto

para quebrar a casca do ovo
necessário por ora abstrair
tantas outras galinhas que há
ciscando poesia do mundo

senão
não se nasce

ou falta coragem para ser
apenas mais uma que canta
peito aberto feito galo
(tanto
ou mais galo
que ele próprio)

e se fabrica ovo.
e se fabrica ovo,

não temer vê-lo rompendo casca
e largá-lo em mundo aberto
vê-lo estufando peito (mais!
além mais que qualquer marca de galo
desses por aí)
e ciclo que segue, cego
afiado
toda vida

e se fabrica a galinha.
e se fabrica plena
galinha singular

Talho

dói
povoar a palma de uma mão aberta

dói
ser a mão abrindo a palma
em carne viva

Rasura

eu não sei nadar no raso
eu não sei contornar a borda mais fria dum prato

dizem que isso é arriscar
dizem que isso é viver

eu não sei nadar prato raso
eu só sei beber derradeira camada copo fundo

dizem que isso é gulodice
dizem que isso é justa sede

eu não sei

suburbana I

os prédios da boa vista disputam
qual deles é o mais elevado.
nos confins da caxangá tomo um BRT
que me eleve mais rápido rumo
a um coração ilhado

sigo apenas de rastejo e por sorte minha sola
comprimida não esfrega fervura do asfalto

da janela se movem lá fora terraços
qual deles tem a vista mais nobre
nunca saberei.
a cidade pousa nos ângulos mais ousados
ainda assim passa batida

especulação imobiliária jamais caberá
em cubículo poema prestes ao final da linha,
portanto nem vou insistir se por ventura
segue tudo abarrotado

não há vagas no centro para moças suburbanas
não há vagas. no centro. para moças. suburbanas.
traço um risco invisível com calçados comprimidos
rasurando largamente as calçadas planejadas
da avenida.
traço um risco. bate-volta.
meia passagem. não há vagas.

sereiandarilha

nasci com os silêncios de minha mãe
atravessados no escuro da garganta
na goela sempre rouca há soluço
entalando um dialeto esquecido

despejo em marulhos algumas metáforas
pra dizer a dor dos meus olhos nublados
saudosos duma plenitude
sempre vindoura

cresci
com o peito eriçado
pra querer o bom da vida
não mendigo nada além do parco merecimento

a terra é larga demais e não nos cabe
espremer pulsações no estreito estreito,
o mar é vasto demais e não procede
amuar um barco são
na maresia d'um porto seguro.
mais vale as mãos vazias de vento
aos punhos cerrando firme

areia quente de toda uma praia.
vou-me embora pra Pasárgada
Itaparica ou
Itamaracá
espero por lá encontrar um pouso sereno
onde descanse os meus sonhos puídos
os ombros doídos de tanto
carregar o sol com a peneira

lá
onde se encontre fio de coragem
valentia fina agrestia destemor,
que é pra acender uma vela
e desbravar caminhos
de mar & estrada

Pontos de parada em *Cartas a Tereza*¹⁰

09 de novembro,

estou de mudança, Tereza.

há quase um mês tenho dobrado as lembranças em embrulhos delicados. ajunto o pó que restou das telhas enquanto espero o caminhão chegar. arrasto os móveis, repinto as paredes de olhos marejados. escorre pelas ripas a água da chuva que veio numa tarde de segunda-feira e foi embora após revirar minha vida à procura do que levar. ventou dentro da casa e eu estava só. o tempo caiu da estante e não se quebrou.

ir. mas não há para onde. o agora eu já não tenho desde os últimos segundos. o aqui vai respingando, caem gotas no passado. sentada na cama, despeço-me das vigas que suportam o peso dos anos que me frutificaram. os dias vão repousando, empilhados, sobre as coisas intactas, intocáveis. movo os olhos pelo que restou depois do inverno ~ abrasivo, o inverno não tem piedade. você já experimentou procurar-se depois de uma chuva, numa tarde de segunda-feira, Tereza?

~

tenho habitado uma inércia rastejada: caminho devagar, me deito devagar, pedalo devagar, avisto devagar. somente a cabeça gira depressa demais no avesso dos olhos. devagar se vai caminhando a uma inconsciente permanência.

às vezes, canso de olhar a vida de olhos fechados. já pensou como seria habitar uma casa sem teto, Tereza?

talvez fosse esta curiosidade o que atrasava a chegada repentina do caminhão. mas a espera não é uma vida normal. enquanto espero devagar, resisto à força da gravidade que me enlaça por dentro. devagar como uma maneira de não ser de todo estática. devagar como tapar o sol com a melhor peneira que disponho.

¹⁰ Apresentamos aqui apenas o texto. Para ler/ver o livro diagramado por Deisiane Barbosa acesse: <http://cartasatereza.com.br/>

enquanto vou ao fogo ferver a água do café, a vida contorna o dia, insistente, emanando uma tontura que me põe imóvel para que eu não despenque de súbito. seria esse o meu destino? abandonar a casa gasta, vibrando sozinha as raspas de seus últimos ecos?

como seria habitar uma casa sem teto? ainda não me conformo...

preciso buscar um novo abrigo. sorte de quem tem uma varanda tranquila e um quintal de árvores incansáveis.

mas, para que a mudança? para onde espero devagar? em qual refúgio cúbico amansarei as angústias? só esta casa agrega bem as minhas viagens. esta casa não foi ensinada, lapidou-se com o tempo da nossa convivência. ninguém jamais erguerá paredes similares.

procuro um novo endereço. enquanto persiste a espera vagarosa do caminhão que nunca chega, procuro uma alvenaria capaz de desaguar minhas futuras chuvas.

23 de janeiro,

Tereza, preciso viajar. faz tempo, aprontei uma mala e a deixei ao canto do quarto. álbuns, cadernos, cartas, roupas guardadas no esquecimento, peles deslembadas do corpo.

é que não sei partir em desordem. simplesmente partir. largando tudo revirado ~ seguir com tudo revirado no avesso.

há tempos estou a um passo de ir, à espera do caminhão sempre vindo. esgotei da espera. já desfolhei não sei quantos calendários e ainda agora não soube ao certo um novo paradeiro.

no entanto, preciso desertar / derivar travessia sem leme / somente velas e vontades.

há tempos busco a calma de um rossio feito esse, enfiado pela coreografia das árvores.

sabe quando aquela canção te surpreende num fragmento dourado de tarde, trazendo o sopro duma infância vivida há séculos, talvez numa

ilha? uma velha, uma moça em mim transborda ~ por fora me contendo como posso / titubeio um marejar, uma saudade.

é que preciso viajar, Tereza.

nem que seja depois caminhar meia volta. regressar ao porto de agora, com as tardes saturando o laranja do adobe desnudo. com os olhos mais límpidos para enxergar, das paredes carcomidas, uma nova casa.

nem que saiba voltar, renascer este corpo de abrigar grandes ventres, repovoar afetos de uma casa ainda mais remota que esta, lembrar a mata reencarnada no telhado. reinventar a placenta de uma amendoeira ainda fértil, assentando no quintal a infância de uma grande mãe.

mas agora, preciso viajar, Tereza.

o8 de abril,

uma flauta doce de hora em hora atravessa a noite. interruptores delatam a inconstância do sono, os sonhos pendidos em cada cômodo. passada a tranca na porta da frente, tudo se abriga, quase tudo se acomoda. atônita, contemplo o canto anônimo duma flauta.

i, escolho a dedo um livro na estante amarela

ii, inicio as primeiras páginas encharcadas de esquecimento de um livro azul talvez meio verde

iii, percorro letras vermelhas do batom que não tenho mais na boca

iv, por fim, amanhã será quarta-feira ~ as horas caminham decididas.

ainda assim, nada me distrai... o que há de desabrochar dessa melodia doce insistente? ouço um compassado de flauta fantasmagórica e sequer tenho arrepios. o rádio ligado, os relógios, a caneta riscando o papel alumiado de abajur, a flauta absurda de tão doce e secreta ~ há muito de doçura no que não conheço ao certo ~

respeito o mistério das coisas perdidas não ao acaso por dentro da noite. eu mesma sou uma delas. não me identifico a nada em horas altas. caminho desatenta dos quilômetros, nessa casa enorme e quase toda

destampada ao sereno. dias virão e certamente alguns passos serão suficientes para o resumo das minhas peregrinações noturnas.

tenho procurado um abrigo, Tereza. ainda sem coordenada precisa do meu paradeiro, tenho vislumbrado varandas alheias, repintado imaginariamente algumas paredes, apropriado algumas fachadas passageiras ~ efemeridades das minhas sutis moradas.

forasteira, ando pelas ruas desconhecidas com a sensação de já ter caminhado. vislumbro casas, intuo as intimidades e destinatários, acolhidos cada qual em seus mistérios. visito ruas dispersas, dedico em caixas de correio uma carta que te descubra em algum lugar, Tereza, que percorra as léguas necessárias e chegue para alguma mão à espera de encontro.

mas até escrever tem me abandonado... especialmente nesses dias, com a casa desmanchando sem que eu consiga aparar rebocos, só pelo desejo de remediar o tempo.

cá, em meus redemoinhos sigilosos, pouco tenho saído à procura de endereços. é possível que nas casas, onde futuramente pousarei uma eventual demora, reencontre uma ou outra vírgula esquecida. só assim reconstituirei o que apagou-se antes mesmo de nascer palavra.

andarilha de cartografias insólitas, caminho solitária. aqui mesmo, nessa noite em concerto de flauta, percorro quilometragem repisada nos cômodos cada vez mais cheios de eco. percorro, quando me levanto à procura, em pretexto das necessidades mais urgentes, e não as encontro. ou quando, por exemplo, perco-me de um livro que já segue encaixotado, na bagagem à espera do caminhão talvez chegando. a propósito, o que de mim fui deixando criptografado nas páginas que me leram? já não me lembro, Tereza...

07 de janeiro,

tenho sufocado, há coisa demais para caber no pensamento. tenho de me listar, me roteirizar o tempo inteiro e decidir o que fazer de mim nos próximos segundos inadiáveis.

tenho de lidar com o tempo, com ele correndo feito um cavalo disparado no pasto, teimoso demais ou assustado demais para uma montaria passiva. compreende, Tereza?: eu nunca farei as pazes com o tempo.

e nunca terei a plena segurança de como viver.

parece que desisti e fui ficando ~ metamórfica, vulcânica, marítima, lunar. fui estando à maneira que o vento modelasse ~ porque foi isso o que enxergaram na palma da mão estirada: que a minha pertença era puro vento ~ o vento feito tempo.

não percebia que, por trás da cisma, o amor me empurrava ao que nunca seria tão somente meu ~ nem de ninguém.

apaziguei.

por ora, mando-lhe tais notícias:

no anúncio de mais uma translação, não me sinto renovada, tenho deitado sobre a rasura dos dias ~ os mesmos suspiros, a mesma ansiedade, a mesma imprecisão.

num mesmo instante, corro para vislumbrar os dois lados de uma moeda. não consigo me convencer de que não posso ser a própria ventania ~ nem mesmo ela é igual aqui e aí de onde você me lê, Tereza ~

15 de outubro,

na casa de remendo íamos vivendo. não havia natureza que nos fizesse deixá-la ao pó dos dias, sujeita à fome do esvaziado, ao diálogo surdo de suas paredes ainda tão robustas.

mas,

em manhã de terça-feira,

parte da casa ruiu.

e você deve saber, há vários modos de assentir dissolução no tempo, Tereza.

vovô adormeceu.

despachando então as derradeiras janelas. parte dos cômodos seguiu cortejo estrada afora. metade das telhas esvoaçaram, embrenharam em repentinas nuvens. as vigas regressaram à mata remanescente aos fundos da roça.

vovô enfim pousou entregue aos seus sonhos sortidos. a cabeça então pairava em outras atmosferas, descansada de fadigas que o corpo já não precisava mais lembrar-se contra vontade.

como seria habitar uma casa sem teto, Tereza?



(Foto: Deisiane Barbosa)

Uma conversa enquanto se anda: “caminhar e sonhar é a teimosia que persiste”

Os inícios

1) Sentimos uma afetividade muito grande ao ler seus poemas e as Cartas a Tereza. Conseguimos ver as relações familiares e a casa em si como parte da sua intimidade e da sua construção enquanto pessoa. O filósofo Zygmunt Bauman fala desse mundo líquido, das distrações e das necessidades de mostrar ao mundo a realidade efêmera. Você diz: “abri mão da captura... gastei o restante do tempo apenas sonhando aquela felicidade tão rareada.” Conte-nos um pouco de sua infância / adolescência e seus primeiros contatos com as artes.

Vivi a maior parte do tempo aqui neste sítio, no Povoado do Cruzeiro, em Conceição da Feira – BA, nesta casa feita de adobe, construída por meus avós há mais de 50 anos. Cresci com eles, com mainha e uma tia-madrinha, rodeada de árvores, bichos, plantas, lavoura, casa de farinha, estórias. Esse cotidiano estabeleceu minha primeira formação poética. Antes de descobrir que poderia mergulhar meus silêncios e perguntas em livros, que poderia ensaiar outros dizeres com palavras, eu já me nutria da vida aqui na roça, dos afetos e desse modo de olhar o mundo. Isso foi meu alicerce. Mas já nesse período havia também a andarilhagem, minha família paterna era de Cachoeira, sendo frequente o meu transitar entre as duas casas, suas atmosferas e respectivas costuras – isso também constitui meu embrião de artista. A roça sempre foi meu pouso mais afetivo, embora gostasse e soubesse que poderia circular por outras paisagens. Logo, minha poética se faz desse movimento. Anos depois, cursando o ensino médio, ocorreu a inquietação da palavra propriamente, o cultivo dos primeiros cadernos, a tentativa de criar algo que eu chamava poesia, minhas primeiras leituras-referência e os primeiros olhos leitores – algumas colegas e professoras de literatura. Mas a coisa ficou mais forte mesmo somente depois, na universidade, no curso de Letras Vernáculas, interrompido e seguido pelo ingresso em Artes Visuais. Entendi que o que me movia eram os efêmeros, fossem no lugar de pouso, fossem de cenas que via na rua, por exemplo, ao atravessar a ponte Dom Pedro II. Portanto, comecei meus escritos muito concentrada nisso, na tentativa da captura, respeitando-a também enquanto coisa fugidia. Escrever foi se fazendo principalmente enquanto tentativa. E eu tomei gosto por tentar, teimar e sempre errar / erranciar com a palavra.

2) Quando começou a escrever literatura? Além disso, você também faz outras artes como performances, instalações, videoartes. Há uma evolução cronológica, em que uma expressão desencadeou a outra, ou elas foram todas acontecendo ao mesmo tempo?

Comecei a escrever de modo mais consciente de que era aquilo o que eu queria fazer na vida, aos 17 anos, entre 2010 e 2011. O ingresso na universidade foi fundamental para encorajar a errância. Comecei nas Letras Vernáculas, na UEFS, e fiquei lá apenas dois semestres. Foi um período indispensável para delinear melhor meu gosto pela mistura: lá cursei um componente chamado “Literatura e outras linguagens” e, então, atentei ao fato de que eu poderia escrever em diálogo com outras estéticas além da palavra-escrita; lá despertei para a performance e à dança-teatro. Pouco depois ingressei na segunda turma de Artes Visuais, na UFRB, e já cheguei movida por essa pesquisa de escrever de modo

ampliado; fui então procurando modos de expandir as cartas a Tereza que vinha escrevendo, trabalhando com fotografia, videoarte, performance, até chegar no experimento do livro-objeto. Foi daí que entendi meu processo criativo como algo integrado, no qual, naturalmente, me movia entre a palavra e a imagem, vice-versa, um se entrelaçando ao outro, sem necessariamente se subjugarem.

Os livros

3) *Cartas a Tereza é um projeto longo, com várias frentes de atuação e em várias expressões artísticas. Como se deu o processo de criação desse projeto?*

Deu-se da necessidade de desengavetar as cartas que foram sendo escritas desde 2011, de modo mais diverso que tão somente produzir e publicar um livro (coisa que efetivamente aconteceu em 2015, por uma iniciativa independente). Antes mesmo de investir nisso, procurei realizar outras *experimentações* a partir do texto que ia escrevendo. O primeiro desdobramento foi a feitura de cartões-postais a partir de um mapeamento afetivo de casas (suas fachadas) localizadas em Cachoeira, São Félix, Feira de Santana e Salvador – lugares por onde, volta e meia, circulava, já numa espécie de procura pela personagem. Dessas fotografias, sempre feitas com dispositivos móveis, fiz um diálogo com trechos de cartas e compus os primeiros postais. Em seguida, intervi em caixas de correios anônimas, entregando os cartões por dez cidades no interior da Bahia. Aquele foi então o primeiro modo experimental de publicar o livro: espalhando-o. Em seguida, foram ocorrendo outros desdobramentos, trabalhos com videoarte, que também partiam de fragmentos do texto, envolviam registros de percursos diários, o movimento do próprio corpo – a eles chamei “videocartas”. Daí, então, esse projeto me acompanhou durante toda a graduação, tendo sido mote para desdobramentos que se dão até hoje em minha trajetória. De escrever Cartas a Tereza, resolvi procurá-la, conhecer histórias de mulheres, criar personagens outras, multiplicá-la. Daí veio a pesquisa no mestrado em Artes Visuais, cursado no programa associado da UFPB e UFPE, e os trabalhos que hoje tenho realizado, de volta à casa que deu origem à narrativa. De modo geral, é sempre um ciclo de andarilhagens e novos pousos neste mesmo ponto/ilha de agora e desde antes.

4) *Em Cartas a Tereza, a sua escrita é contínua, utiliza apenas ponto de seguimento o que indica o concluir de cada frase, mas não o fim de cada*

pensamento/sentimento, bem como não utiliza iniciais maiúsculas. Também em Refugos observamos a referência que se faz do eu, do corpo a uma bandeira a tremular, o corpo como ato político de lutas por direitos e igualdade. O que essa ruptura com as regras/padrões demonstra da artista Deisiane Barbosa?

As rupturas com determinadas convenções, sejam elas estéticas, sejam de ordem metafórica e entrelinhadas ao texto, estão totalmente relacionadas e dizem muito da minha busca por formas mais atentas e abertas. Atentas aos mil modos como essa obra pode se expressar, reinventando estéticas que potencializem seus sentidos e desdobramentos – afinal, também sou artista que pensa as visualidades, que pensa o texto enquanto corpo-imagem. E abertas, assim, a toda sorte de experimentação, experiência, vida; ao que não se adequa em padrões, mas transgride, transmuta em si possibilidades de existências.

5) As Cartas a Tereza são apresentadas sem uma sequência cronológica de meses e o ano não é citado em nenhuma das cartas. Como você lida com o tempo para pensar e executar a arte de escrever as vivências do cotidiano em palavras, linhas e imagens?

Há nisso alguma espécie de paradoxo. O tempo enfeitiça a mim, também a personagem-remetente das Cartas a Tereza, e talvez a esta própria (não saberemos). Então a gente o respeita e venera, à medida que somos perpassadas por ele. E nossa única resistência é mesmo a de não estar inteiramente alheia a isto – afinal, o texto é embebido de relatos sobre o comportamento do tempo em nossos corpos, na casa e em seus habitantes. Para isto, portanto, ocorre uma tentativa de captura, simbólica que seja. Em contrapartida, admitimos nossa pequenez, reiteramos a soberania do tempo e ousamos brincar com seus avessos, ou, sua potência máxima, seus infinitos, quando, por exemplo, escolhemos datar dias e meses que podem estar localizados em qualquer década, século, milênio; assim, não por acaso, deixamos tal lacuna cronológica para que a narrativa não se enclausure de todo. Neste sentido, ocultar parte do tempo integra o jogo ficcional; a falta de uma referência espaço-temporal mais concreta deixa tudo ainda mais amplo – gostamos disso. Escolhemos, portanto, falar de tempo, mas deixá-lo livre, para que leitoras e leitores ressignifiquem de acordo com suas próprias referências e afetos, levando essas cartas para onde julgarem mais propício.

6) Em 2021, você lançou o e-book Cartas a Tereza. Nas atividades de lançamento você fez uma série de lives com mulheres maravilhosas.

Além disso, ver as vídeos-cartas foi poeticamente apaixonante e nos faz buscar Terezas. Quem são as Terezas e onde encontrá-las?

A primeira forma de Tereza foi um vocativo. O primeiro e único dado durante muito tempo foi apenas este nome. Com ele, fui dizendo, repetindo e ouvindo, para tentar enxergar a figura, o possível corpo-alma que o acompanhava. Quando achei por bem procurá-la, vi que seria difícil traçar um único esboço, desenhar uma única e absoluta personagem, portanto, achei mais justo consentir que ela é múltipla e fragmentária. Achei mais provocante sentir Tereza estilhaçada, distribuída em diversas mulheres com quem fui me encontrando quando saí a perguntar por notícias suas. Foram me dizendo. Várias pessoas foram me contando onde a(s) viram, o que sabiam dela(s) e eu fui acreditando na existência de todas. Mas, até hoje, não há respostas tão plenas – quem são e onde estão? Sigo na pesquisa. No momento, lido com pelo menos dezenove. E já é muita coisa. E se não me controlo, continuo enxergando mais. Mas, por ora, ainda me controlo.



(Capa do e-book *Cartas a Tereza*. Autoria: George Teles)

7) *Desavesso* é seu primeiro livro de poemas? Como foi escrevê-lo e publicá-lo naquela bela edição artesanal?

desavesso foi meu segundo experimento. Gosto de pensar meus livros como experimentos – da própria forma e da experiência de pensar o que produzo enquanto objeto a ser lido-manuseado. Sim, é meu primeiro livro de poemas visuais textuais. O escrevi num momento em que tomava mais consciência do fazer poético aliado ao deslocamento pela cidade e entre minhas casas. São literais e metafóricos retratos de coisas que vi ou

que me visitavam nesses estágios de atenção ao cotidiano. A iniciativa de publicá-lo veio porque estava demais empolgada com a primeira experiência do *Cartas a Tereza* e sentia que nada poderia me impedir de seguir naquela provocação de pensar meu próprio livro do início ao gerúndio. Então, mais uma vez, fui articulando minha narrativa contaminada, dialogando com o texto, foto, gravura, artesanias diversas, fazeres que convidassem à leitura-imersão e ao literal desdobramento.

8) *Refugos é um livro cuja edição, digamos, escapou das suas mãos. Como foi o processo de escrita desse livro e, também, o processo de entregá-lo a outro editor?*

Foi um desafio bom e necessário. Foi importante “desapegar” de querer cuidar e dar sentidos também no fazer-o-livro e confiar esse processo editorial a outras pessoas. Importante para o reconhecimento e espalhamento dessa produção e, também, para vivenciar a experiência de ser publicada por outro. Os poemas que integram este terceiro livro estavam dispersos em cadernos, arquivos, blocos de nota, e o que os unia era exatamente a qualidade refugio, a abordagem de afetos diversos e existências tomando por mote três estágios de materialidade – sólida, líquida, gasosa. Pensar, inclusive, essa organização não deixa de ser ainda o desejo de controle na editoração (risos). Fiz essa proposta e ela foi bem aceita pela editora, de modo que não chegou a sofrer quaisquer edições de conteúdo. A publicação partiu de um convite para integrar uma coleção de autoras negras e achei muito importante figurar dentre importantes nomes também escrevendo agora – para mim é muito honroso estar junto de Aidil Araújo Lima e Odailta Alves, por exemplo. A experiência foi, no geral, muito positiva e agregou muito em minha trajetória. Mas também serviu para me mostrar o quanto ainda desejo seguir auto publicando, porque, para além de escrever o livro, pensá-lo e realizá-lo enquanto objeto é algo que me realiza; isso é importante para mim e é algo que desejo seguir usufruindo e delineando.

9) *Em Refugos tem um poema que se chama “topada”. Conte-nos uma topada que você tomou na vida de escritora andarilha e como você resistiu a dor e seguiu em frente?*

Acho que abstraio ou consigo subverter, com algum esforço, as topadas que levo; ou, por sorte, não resisto guardar o peso de memórias indigestas por tanto tempo (será? tomara!), porque não lembro agora tão nitidamente uma grande topada que levei que seja digna de compartilhar aqui. Escrever é meu principal modo de elaborar fissuras e tombos – para isso, em especial, a estética do poema é a que mais me

acolhe. No texto “topada” me restou falar de pesos que sobrecarregam emoções e corpo, também daqueles que surpreendem nosso caminhar distraído – ou esperançoso demais, desejoso de sempre levezas. Eu o escrevi em junho de 2018 e aquele (certamente bem menos que hoje) já era um tempo que renunciava tantos pesares; nele inscrevo meus temores por esse amanhã/hoje tão pesaroso. E cabe aí, tanto questões de conjuntura política, como também algumas sofrências para amar sem temores, ou, ainda, o ímpeto para insistir carregar no peito o que fosse possivelmente mais leve. Portanto, haja pé e peitos, agindo insistentes. Caminhar e sonhar é a teimosia que persiste desde lá e que seguirá (assim espero!) muito firme.

10) O autor colombiano Juan Gabriel Vásquez afirma que: “Nunca conheço os meus livros antes de escrevê-los. Meus romances são frutos de uma procura.” Você faz algum planejamento antes de compor/escolher o que vai para cada um deles?

Não fiz planejamentos para os três livros até então publicados, eles foram acontecendo ao sabor das derivas, ou seja, os próprios caminhos foram delineando os rumos de cada narrativa, tal como sugere Vásquez. E sigo ainda assim, com relação a alguns projetos – textos poéticos, ficcionais, acadêmicos. No entanto, algumas criações têm me exigido um delineio inicial ou constante; um delineio, nem que saiba para subvertê-lo logo em seguida; mas, um ponto de partida que talvez seja um modo de entender possíveis percursos. Daí parto e não desprezo à deriva, é ela quem vai me ajudando a realinhar tudo, reelaborar, me auxiliando no processo de desobedecer aos esboços iniciais. Ou também de reafirmá-los.

Os fundamentos gerais

11) Ser andarilha e andarilhar são conceitos chaves para a sua poética. Fale-nos um pouco sobre essas ideias tão fundamentais no seu trabalho.

Um pouco dessa resposta está na anterior: a deriva é uma ferramenta, um procedimento criativo. Ser andarilha é uma condição que há pouco tempo reconheci como elemento de nascença e foi então que me apropriei da qualidade para o fazer poético. Se preciso estar em trânsito constantemente, é justo nesse movimento de vida que também estarei fazendo arte. Estar em trânsito me abastece, instiga, lapida a percepção e me espanta. “Andarilha” porque os pés, passos e a vontade de caminhar é o que tenho de potência mais básica. Posso me deslocar dentro da casa, da cidade, ou de um continente ao outro pelo milagre desse movimento. É

através dele que faço minha pesquisa, apre(e)ndo, errancio e erro, faço poesia. Na universidade, cursando Artes Visuais, me deparei com o conceito de “errância urbana”, “deriva”, a ideia de “caminhar como prática estética”. Fui adaptando tais conceitos a partir do meu próprio fazer, ao tempo em que surgiu “andarilha” como um codinome e até personagem; daí as derivações “andarilhar”, “andarilhagem”: meu gesto de escrever enquanto caminho, de intervir também nos lugares por onde passo, e de mínimas maneiras, efêmeras alterações em determinadas paisagens que sejam – nem que saiba dentro da própria poesia, da própria ficção.

12) Conte-nos sobre a criação da Andarilha Edições.

Produzir e publicar meus dois primeiros livros, por uma iniciativa própria, foram investimentos para experimentar possibilidades, estudar viabilidades e então criar coragem; me permitiu entender que era na linguagem/suporte livro-objeto que eu gostaria de investir. Após flertar diversas vezes com a ideia de ir além das minhas próprias criações, em 2019 fui provocada por uma amiga, a Maíra Vale, a dar forma ao seu primeiro livro. Em dezembro deste mesmo ano, nascia *Cachoeira & a inversão do mundo* e, junto a ele, a andarilha edições. Digo que somos uma editora caminhante, costurando literaturas e visualidades, desde o Recôncavo da Bahia. Nossa proposta é criar livros mais experimentais, a partir de feituas artesanais, em pequenas tiragens – embora também tenhamos realizado alguns trabalhos em formato digital. Nossa linha editorial não é tão restrita, mas no geral, temos publicado poesia, ficção, ou até alguns textos acadêmicos dados a um caráter mais desconstruído, em linguagem e abordagem. A proposta de ser caminhante é porque a criação ocorre no trânsito, passando por mãos, casas, lugares distintos; também porque nossas autoras e autores estão espalhados em diferentes pontos; por fim, porque também é um conceito poético desse fazer livros a proposta de caminhar como gesto de encontro com uma diversidade de leitoras/es e autoras/es.

13) Seus livros se apresentam também como livros-objetos, são obras de arte. Delicados, ricos de detalhes, artesanais. Como é se dá a criação de cada livro seu e de sua editora? Você conta com uma equipe criativa?

Tenho pensado os livros justamente como esses objetos que pretendem expressar para além do seu conteúdo textual/visual, que provoquem leituras através do seu formato, do modo como são construídos, dos materiais que reúnem. Fui investindo nisso ao construir meus dois primeiros, pensando de que maneira eu poderia alinhar cada detalhe

numa construção narrativa ampliada, integrada. Este mesmo exercício tenho feito ao pensar a materialização de livros que chegam à editora. É sempre um processo que, primeiramente, busca entender de autoras e autores como estas/estes foram concebendo a escrita, de entender seus referenciais ou mesmo como imaginam e sonham seus livros enquanto objetos. Daí, vou cruzando com o que me surge enquanto editora/artista – e é fundamental ter essa sensibilidade bem alinhada, para pensar a editoração de um modo sensível à estética de um objeto de arte. Vou desenhando o livro, esboçando algumas possibilidades e sempre dialogo com minha pequena equipe – a Maíra Vale, colaborada em edição e revisão de textos, e Luana Oliveira, também artista visual, dedicada ao processo de preparo e de encadernação dos livros. Juntas testamos algumas possibilidades materiais e de feitura e vamos avaliando como determinados projetos gráficos podem se efetivar. E, geralmente, seguimos em partilha com a pessoa que está publicando conosco, pois é sempre um processo bem dialogado e consensual.

14) Com a chegada da pandemia do corona vírus, no ano de 2020, e que ainda perdura em 2021¹¹, como está o seu processo criativo? Como a sua criatividade foi afetada nesses tempos conturbados e trágicos?

Este tem sido um momento de muito trabalho de ateliê, a parte solitária do processo criativo, tem servido para retomar alguns projetos, ou investir em outros, revisar, rever, mergulhar novo fôlego. Mas confesso que tem me feito muita falta a andarilhagem (procedimento fundamental à minha criação), também o encontro com *autres* artistas; isso oxigena meus processos, além de alimentar com materiais e favorecer o movimento de pesquisa. Portanto, tem sido desafiador manter o foco nesse modelo mais enclausurado. Além de que a própria tragicidade do momento tem me afetado constantemente – manter-se criativo e produtivo é um desafio para artistas, nesse momento; embora seja, justamente, nossa maior ferramenta de resistência. Há dias de muita dificuldade para sustentar a saúde – fisiológica, psicológica, a saúde do sonho. Sobre viver tem sido nosso maior desafio.

15) Quais são os seus planos literários e artísticos para o futuro? Há algum projeto novo em fase de gestação?

Tenho trabalhado no “inventário da ilha de Tereza”, a partir de uma pesquisa iniciada em 2016, numa residência artística para escritores, no

¹¹ As entrevistas foram realizadas entre 30 de maio e 15 de julho de 2021.

Instituto Sacatar, Ilha de Itaparica, que, em seguida, se integrou à minha pesquisa no mestrado em Artes Visuais e agora segue em outros desdobramentos. O inventário, ou livro-mutante, livro-casa, reúne uma série de narrativas em que Tereza se apresenta multifacetada e protagonista direta; para além disso, segue a linha de materializar-se no espaço além texto, dialogando com performance, vídeo, fotografia. Tudo isso está relacionado a outros projetos em paralelo, como o da casamendoeira – a referida casa de infância, agora restaurada, revivida enquanto espaço criativo voltado não somente aos meus próprios processos, mas que pretende integrar o diálogo com *autres* artistas e com a comunidade local/global. Apesar de tantos pesares, sigo sonhando grande e acreditando em poesia.

16) Você é uma escritora e uma artista muito contemporânea, pensando aqui o contemporâneo também dentro de uma perspectiva territorial, fora dos grandes centros econômicos. Quem são as vozes da sua geração que têm influência na sua própria voz? E qual ou quais livros você indica sempre para que seja lido?

Demorei a entender minhas verdadeiras referências, talvez porque de onde falo – as bordas (geográficas, sociais etc.), as dissidências – era ainda bem difícil de enxergar justas representatividades. Posso citar algumas artistas baianas onde mais enxerguei um fazer poético que me encorajou no que hoje invisto: Karina Rabinovitz e Silvana Rezende, com esse pensar do livro para além página, do livro no espaço e plenamente visual, corpóreo; e a Laura Castro, que segue investindo nesses amplos desdobramentos de uma literatura expandida. De *autres* artistas também do agora, pulsantes e urgentes, tenho lido e aprendido muito com algumas mestras como a Conceição Evaristo. E, também, sigo muito atenta ao diálogo com as/os que estão mais próximas ao meu contato e com quem eventualmente sigo trocando experiências sobre os fazeres: Aidil Araújo Lima, Daisy Serena, Moisés Alves – para citar pouquíssimos de uma vasta lista de referenciais contemporâneos.

17) Na carta do dia 07 de janeiro você diz: “tenho sufocado, há coisa demais para caber no pensamento. tenho de me listar, me roteirizar o tempo inteiro e decidir o que fazer de mim nos próximos segundos inadiáveis.” Qual roteiro você indicaria para as mulheres que sonham ser escritoras seguirem?

Não sou tão boa conselheira, meus roteiros são todos improvisados, como eu já disse, ou antes, são esboços que vou desobedecendo ao longo do

percurso. Eu mesma ainda sigo na pesquisa constante por esse devir artista escritora, descobrindo minha própria maneira de sê-la e que certamente é distinta das mil possibilidades, a outras antes de mim e em paralelo. Mas a partir da minha própria experiência, acredito que primeiro o desejo e a necessidade bem aliados são fundamentais para sustentar a teima; também a dedicação da pesquisa e a ousadia do experimento, do erranciar e errar. Em outras palavras, pesquisas do fora e pesquisas do dentro: ver, ler, sentir o que tem sido produzido, aprender com tudo isso; estar atenta ao modo como nós podemos expressar nossas próprias narrativas, qual o jeito nosso que certamente é peculiar? Daí, é o exercício, é a constância e a coragem – coisa que venho tentando inserir cada vez mais em minha rotina. Embora seja tão desafiador, porque o mundo não está preparado para respeitar e valorizar sujeitos que apostam na arte como modo de viver e se sustentar na vida prática e suas infidas demandas. Mas, em suma, a única pouca certeza é essa de que para escrever só escrevendo mesmo, estudando, experimentando-se, aliando-se a uma possível rede criativa e com elas estabelecendo trocas. E para quem quer publicar, quando achar que isso é um passo inadiável, provoco o mergulho pleno – hoje isso é cada vez mais possível e palpável e rende bons aprendizados e alegrias.

18) Normalmente se encerram entrevistas com escritores e escritores perguntando-lhes como conceituam o escrever, mas você se dedica à várias expressões artísticas, então perguntamos como você conceitua esse fazer híbrido, fronteirado entre tantas expressões?

Tenho dificuldade de elaborar as coisas em conceitos bem resolvidos, principalmente se isso é para mim tão vasto. Toda essa contaminação de fazeres é tão infinita e talvez seja o que mais me encanta na busca; é o caminho por onde traço, foi o meio onde achei mais favorável o exercício para dizer as coisas que me atravessam. Acredito que além de movimentar a mim mesma, isso também envolve e modifica pessoas que leem, sentem, veem, escutam o que faço; pessoas que também convocam de si as forças de criar e reverberar para além. E se toda essa laboração estética é realizada de modo integrado, ampliado: melhor ainda. Afinal, a vida é isto.



(Casa. Foto: Deisiane Barbosa)

11 de janeiro

[...] caminhei a casa, à procura de passar a limpo os rascunhos do ano passado. tatuei debaixo do braço o devaneio duma ostra atônita, cuidei de olhar para dentro do que ela dizia. coleí ouvidos à sua beira. a ostra dentro da concha, a concha em mistério submersa. a casa e eu. [...]

09 de novembro

[...] só esta casa agrega bem as minhas viagens. esta casa não foi ensinada, lapidou-se com o tempo da nossa convivência. ninguém jamais erguerá paredes similares.

Cartas a Tereza

Leitura andarilha 1: as imagens ardentes de Deisiane Barbosa

Rubens da Cunha

“Tereza, eu bem que tento tocar a cidade com a palma nua e o peito descalço, mas é tanta ardência e em mim já flameja saudade incurável.” diz uma das Cartas a Tereza, escritas por Deisiane Barbosa (2019, p. 121). Desde que começou esse projeto artístico-poético em torno dessa imagem chamada Tereza, Deisiane fez sua escrita ser constituída por essas tentativas de reconhecer as ruas, os bairros, as cidades e as possíveis Terezas que também andam por esses lugares. Tal busca ocorre com esse “peito descalço” em que a autora imagina destinatárias para seus escritos, remete palavras a esmo, mas não espera respostas. Por outro lado, há um véu, uma veste que impede a visão total, a entrega total, essa “saudade incurável” que acompanha quem anda, quem passa pelos lugares e sabe que não pode levá-los consigo e nem ficar por ali, pois o destino, a sanha é o caminhar. Talvez, por isso, os fragmentos, os pedaços de cartas, de textos, as imagens perguntantes - “Tereza, onde estão as histórias que não se contaram?” - presentes em toda a poética de Deisiane Barbosa, inclusive em seus dois livros de poemas, *Desavesso* (2016a) e em *Refugos* (2019b), que, a princípio, não estão destinados à Tereza, mas são textos que também andam por esse universo em movimento. “Minha casa é todo caminho”, nos assevera Deisiane em *Desavesso*, para, alguns anos depois, em *Refugos*, continuar a “desbravar caminhos / de mar & estrada”.

Georges Didi-Huberman (2012) nos propõe uma imagem que vá além da crença ou da tautologia, mas que seja uma imagem crítica, que a imagem seja um desdobramento em pensamento e memória. Uma imagem que arde. A poética de Deisiane pode ser vista também como produção de uma imagem crítica, porque seu trabalho nos interroga, por vezes quer uma resposta, por vezes apenas diz o que tem que dizer e parte. Ao mesmo tempo, esse trabalho altera, modifica quem avança uma resposta, quem olha essas imagens e, também, é olhado por elas. Ao se chegar mais perto dessas imagens poéticas, é possível perceber que a sua ardência modifica a própria autora, que, não raro, se coloca nesse lugar de estranhamento, de ardor, de busca por um lugar por um abrigo mais permanente:

tenho procurado um abrigo, Tereza. ainda sem coordenada precisa do meu paradeiro, tenho vislumbrado varandas alheias, repintado imaginariamente algumas paredes, apropriado algumas fachadas

passageiras ~ efemeridades das minhas sutis moradas. (BARBOSA, 2021, p. 30)

Muitas dessas cartas foram escritas numa “casa em decomposição”, sabendo que “o tempo, o tempo inteiro demarcando a lembrança de que tudo ali seria passageiro: a casa, o corpo, as vivências. Só restariam as memórias de tudo aquilo.” (BARBOSA, 2016, p.30). É das memórias, das andanças e dessas procuras incessantes, que nascem as imagens ardentes de Deisiane. Se o contemporâneo não é algo apenas temporal, mas territorial, esse trabalho desfronteirado, tanto de gêneros quanto de limites geográficos, produz uma imagem que arde, conceito mais bem explicado por Didi-Huberman:

Porque a imagem é outra coisa que um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares – fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles – que não pode, como arte da memória, não pode aglutinar. É cinza mesclada de vários braseiros, mais ou menos ardentes. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 216)

Para Didi-Huberman (2012, p. 216), a imagem arde com o real, pelo desejo que a anima, pela destruição, pelo resplendor, pelo seu intempestivo movimento, por sua audácia, pela dor e pela memória, “quer dizer que de todo modo arde, quando já não é mais que cinza: uma forma de dizer sua essencial vocação para a sobrevivência, apesar de tudo.” O trabalho poético-imagético de Deisiane é essa imagem que tem vocação para a sobrevivência, pois, entre tantos enfrentamentos, ela subverte a lógica mercantil da produção e da distribuição do texto literário, trata-o como um objeto a ser entregue pessoalmente às Terezas que ela encontra pelo caminho. A cada uma delas faz perguntas: “por onde anda Tereza aqui neste punhado de terra? quais as ruas por onde caminha, quais casas abrigam o seu mistério?” (BARBOSA, 2016b). Na busca interrogante, a poeta também estabelece quem possa ser Tereza: “é, por si, a própria metamorfose, mulher múltipla, incansável, de braços larguíssimos. Na primeira notícia do seu paradeiro, lá vou eu na aventura de procurá-la” (BARBOSA, 2016c). Dessa forma, Tereza não é apenas uma espécie de desejo, de pote embaixo do arco-íris que se é buscado incansavelmente. Tereza, na obra de Deisiane Barbosa, seria como esse corpo-território que habita as cidades por onde a poeta caminha. Mas é também seu próprio corpo, sua casa-desejo em construção:

Sobre minha casa, ela está dentro de mim, intacta (no sentido de 'preservada', mas diferente de imóvel, ela é dinâmica). Carrego comigo todo dia, de fato, como uma nômade. sou assim desde criança e nasci para isso, eu acho. esqueceu que o meu nome é Tereza Dias-Ligeiros? eu sou mesmo essa pessoa andarilha. mas acho que um dia – em breve, talvez – eu construa uma casa minha, de carne e osso, onde eu possa pintar com a alma que tem por dentro de mim. sei que não vou conseguir em totalidade (BARBOSA, 2016d)

Trata-se de uma procura contínua que Deisiane, sempre híbrida, explica poeticamente e academicamente o processo:

Tornei-me andarilha. Caminhar seria o meio mais dinâmico à minha composição de repertório poético. (...) O jogo de caminhar é procura. A minha, neste processo criativo de caráter auto ficcional, se realiza na ação da personagem andarilha em busca de narrativas e narrações. (BARBOSA, 2019, p. 123-124)

Além disso, em um de seus diários de bordo, a poeta anota:

O fato é: ando procurando por uma Tereza e então encontro diversas; passo a procurar por várias, na expectativa de me encontrar com cada uma delas. Terezas Cristinas, Marias Terezas, Terezinhas... vou atrás de suas histórias, remonto seus parapeitos: onde vivem, onde se fazem, onde são Terezas para si e para ou outros, que a saúdam pelo nome de batismo? (BARBOSA, 2015a)

Por outro lado, a resistência presente na imagem crítica que arde no trabalho de Deisiane é também uma resistência ao epistemicídio, visto aqui pela ótica de Boaventura Souza Santos (1995) como um instrumento muito eficiente e duradouro de dominação étnico-racial, que deslegitima, filosofias, estéticas, artes de determinados grupos, negando-lhes o papel de sujeitos produtores de conhecimento. O processo colonial foi muito profícuo nisso: manter a voz dos subalternos limitada àqueles espaços mínimos que lhes cabiam. Todo esse andar contemporâneo que avança sobre territórios ditos periféricos, toda essa busca por Terezas tantas que possam dar conta das diásporas, dos enfrentamentos, dos encantamentos frente à poesia, fazem parte da poética híbrida e flamejante de Deisiane.

Numa dessas experiências, ela parou em Salgueiro - PE, numa comunidade quilombola chamada Conceição das Crioulas¹². No texto “Levantes Poéticos: Terezas tecem Terezas/Conceição das Crioulas,” Deisiane narra esse encontro:

Em Conceição das Crioulas vivencio uma espécie peculiar de insularidade, envolvida numa essência de rede já bastante familiar para mim. A comunidade quilombola que visito é uma ilhamulher cercada de serras, muito sol, muito vento e história. (BARBOSA, 2019, p. 227)

Embrenhada no sertão pernambucano, a poeta ouve outras mulheres, reconhece seus caminhares - “aqui em Conceição ainda se caminha longas distâncias para se chegar aos lugares” (BARBOSA, 2019, p. 229) - pela memória, pelas lutas e enfrentamentos, reconhece-se a si mesma e entende mais um pouco seu projeto poético, o amplia agora com outras Terezas, talvez não tão inventadas como antes, mas presentes ali em carne, osso, fala e escuta, misto de força, alegria e lamento. Deisiane, narra: “Busco inventar(iar) uma ilha onde habitam femininos. Ilha-nau onde acontece toda cor de poesia. Tereza são mulheres rodeadas por águas, ao mesmo tempo que a própria ilha navegante” (BARBOSA, 2019, p. 232). Além disso, a poeta propôs para as mulheres da comunidade o que chama de “levantes poéticos”¹³, uma atividade que reúne “mulheres para uma vivência e criação poética, pautadas nas partilhas de memórias / fação de narrativas de si.” (BARBOSA, 2019, p 233).

Tal coerência estética, temática, poética, ética se mantém em seus dois livros de poemas publicados até aqui. Nota-se, porém, que *Refugos* é um livro bastante marcado por uma espécie de resistência ardente. Os poemas se fazem uma língua afiada que resiste justamente porque não cala:

afiar a língua na pedra do peito
afiar o peito na aspereza da língua
afiar a pedra do peito na língua laminada

¹² “Primeiro porto foi Conceição das Crioulas, no município de Salgueiro. Fui até lá, cruzando quase todo o estado, uma madrugada inteira / fui até lá já sabendo por alto a história de construção do lugar e do protagonismo feminino nas edificações / meu imaginário já se alimentando pela expectativa do encontro. Conceição, assim como a ilha de Tereza, é a própria cidade / são as próprias moradoras que modelam suas geografias, sua atmosfera de casa.” (BARBOSA, 2019, p. 233)

¹³ Em outra ocasião, Deisiane fez os seus “levantes poéticos”, produzindo um “vídeo-experiência-performance” denominado *O sonho puido* (<https://vimeo.com/391622301>) em parceria com o grupo “Marias da Ladeira” da cidade de São Félix.

lutar com língua e peito
devidamente cortantes

tanto quanto for possível,
tododia

(...)
sobreviver
por insistência de amor afiado
ainda que tanto ódio nos cegue
tododia (BARBOSA, 2019b, p. 19)

Além da “imagem ardente”, podemos pensar aqui em Edouard Glissant (2005, p. 158) que propôs uma poética da relação, que consiste no abandono da “pretensão de encontrar a verdade somente no círculo estreito de nossa subjetividade”, indo na busca de uma intersubjetividade, capaz de abarcar o que o próprio Glissant chama de caos-mundo, que é o imprevisível do mundo, que é saber, tocar, ver aquilo que as hegemonias universalizantes tentam apagar, ou seja, fazer a imagem arder, tornar a imagem crítica. Apropriamo-nos aqui de uma aproximação feita por Florentina Souza em seu texto “Mulheres negras escritoras”: ao falar sobre escritoras negras contemporâneas, Florentina traz esse conceito de Glissant, além da noção de epistemicídio de Boaventura Santos e afirma:

a produção de mulheres negras, inserida nesse contexto, pode ser lida como uma estratégia de resistir ao epistemicídio; a quebra de fronteiras rígidas, as pequenas insurgências nas práticas cotidianas e artísticas, os movimentos sociais de rememoração de histórias impuseram às culturas dos países colonizados um colorido diversificado, um tom diferente. (SOUZA, 2018, p. 97)

A contemporaneidade ardente de Deisiane é nômade, um constante caminhar, mas ao mesmo tempo levando suas memórias, suas vivências, seu território recôncavo nas costas. A poeta busca, inventa, imagina, encontra Terezas e, de tanto escrevê-las, reafirma-se também como uma delas, como uma Tereza que está encampando a luta, o enfrentamento, erguendo a bandeira e produzindo imagens ardentes:

é impossível não erguer bandeira quan-
do em tempos de ódio esse meu corpo em
movimento já é a própria bandeira hasteada /
esse corpo seus gestos o modo como respira o
modo como ama e como desenha a vida.
Papai em tempos de crise não há como passar
batida se sou eu minha própria flâmula de

inflamável luta / eu este jovem corpo cansado
cada vez mais alvejado no entanto vivo e dese-
joso do gozo justo e tão parco
Papai não há como não bater de frente se estes
passos que me levam seguem pruma direção
avante além adiante / não me cabe caminhar
caranguejo não me cabe recuar todas as casas
nesse jogo sem regras
Papai eu só quero ser livre sem medo
eu só quero ser livre sem medo
eu só quero ser livre
eu só quero ser
eu só quero
eu só
eu
e isso nunca foi pedir demais embora nos
convençam do estorvo que é toda e qualquer
migalhar de sede existência (...) (BARBOSA, 2019b, p. 23)

A poética de Deisiane Barbosa é um exemplo de como a literatura pode cavar suas trincheiras de resistência, de enfrentamento, de modos outros de existência. Estamos falando de uma fazedora de caminhos. Caminhos que vão se revelando em imagens ardentes, imagens que se utilizam da memória, da invenção, das ruínas e esperanças para se compor em gesto, em planos e contra planos, em versos e cartas. Estamos também falando de uma fazedora de casas: tanto dessas que ela leva nas costas, quando a Casa Amendoeira, habitação e sonho, e, também, das casas que se constroem e se destroem em sua poesia. Assim, seja no Recôncavo, seja em qualquer outro território do caos-mundo, seja na construção da Casa Amendoeira ou na criação e gestão de uma editora chamada *Andarilha Edições*, seja em outros projetos, ainda pura espera, puro desejo, Deisiane Barbosa resiste, com suas Terezas, suas casas nas costas, seu corpo-bandeira.

Leitura andarilha 2: sob o olhar de uma Tereza

Aline Souza Mota Nogueira

*não há percurso que eu trace
onde eu não leve
a casa
nas costas*
Deisiane Barbosa

Lembro-me que a primeira vez que escutei o nome de Deisiane Barbosa: foi ao participar das oficinas de escrita criativa e em uma mostra do trabalho de pesquisa desenvolvido pelo professor Rubens da Cunha, no CECULT/UFRB, em uma semana de abertura do semestre. Naquele momento, tive a impressão de que Deisiane deveria ser uma autora já idosa e aposentada, visão típica daquela que estudou lendo apenas autores mortos, canônicos. Nunca imaginei que ela fosse uma mulher tão jovem, cheia de vida e desejos de compor, ou melhor, de costurar a vida cotidiana em palavras e imagens. Essa juventude foi constatada quando, por surpresa, a vi no evento XIII Fórum Pró Igualdade Racial, em novembro de 2019, compondo a mesa de debate “Mulheres Negras na literatura no Recôncavo”. E, naquele momento, tive o privilégio de ver o seu vídeo-poema *O sonho puído*¹⁴. Que beleza presenciar o esplendor da lavagem de palavras na beira do rio e a costura de vidas de mulheres empáticas em dores, saberes e sabores.

Fiz uma breve imersão pelos versos deisiânicos de *Desavesso e Refugos*, bem como na prosa poética de *Cartas a Tereza*. Quanto encantamento é passear por entre versos e trechos tão intensos e, ao mesmo tempo, tão casa, tão afeto, tão família. Na “cadeira de cochilar as tardes” (2021, p. 5) me peguei procurando qual ou quais essências produzem o cheiro peculiar da Casa Amendoeira, palco de combinações imagéticas e versos tão eloquentes de sentimento puro. Seria o cheiro da cidreira depilada? Ou será o cheiro das bolhas do sabão cansado?

Em suas obras, é possível observar a casa como um lugar de afeto, de histórias. Um lugar onde se é permitido viajar. A chama do delírio e do desejo é alimentada pelo sonho e pela escrita pungente. Há uma força imagética em cada detalhe. Após um “preâmbulo de inverno” (2021, p. 6) me aqueço, no inverno já estabelecido, com trechos de *Cartas a Tereza*. Deisiane apresenta cartas cheias de lirismo, que permitem um encontro

¹⁴ Disponível em <https://vimeo.com/391622301> - ver nota 10.

com nossas próprias angústias, tristezas e alegrias. Sua linguagem é amorosa e delicada e me encanta profundamente. Deisiane define seus livros como “livro-objeto” e esse é o motivo que ela estabeleceu para continuar o seu processo de auto publicação e editoração de seus “experimentos”. Para ela, além de escrever o livro, é preciso continuar pensando-o e realizando-o enquanto objeto. Isso é algo que a realiza enquanto artista multifacetada. Essa forma de fazer o livro me fez totalmente empática ao fazer artístico dela, permitiu-me ter esperança e confiança para continuar escrevendo as minhas próprias andarilhagens, parafraseando a autora.

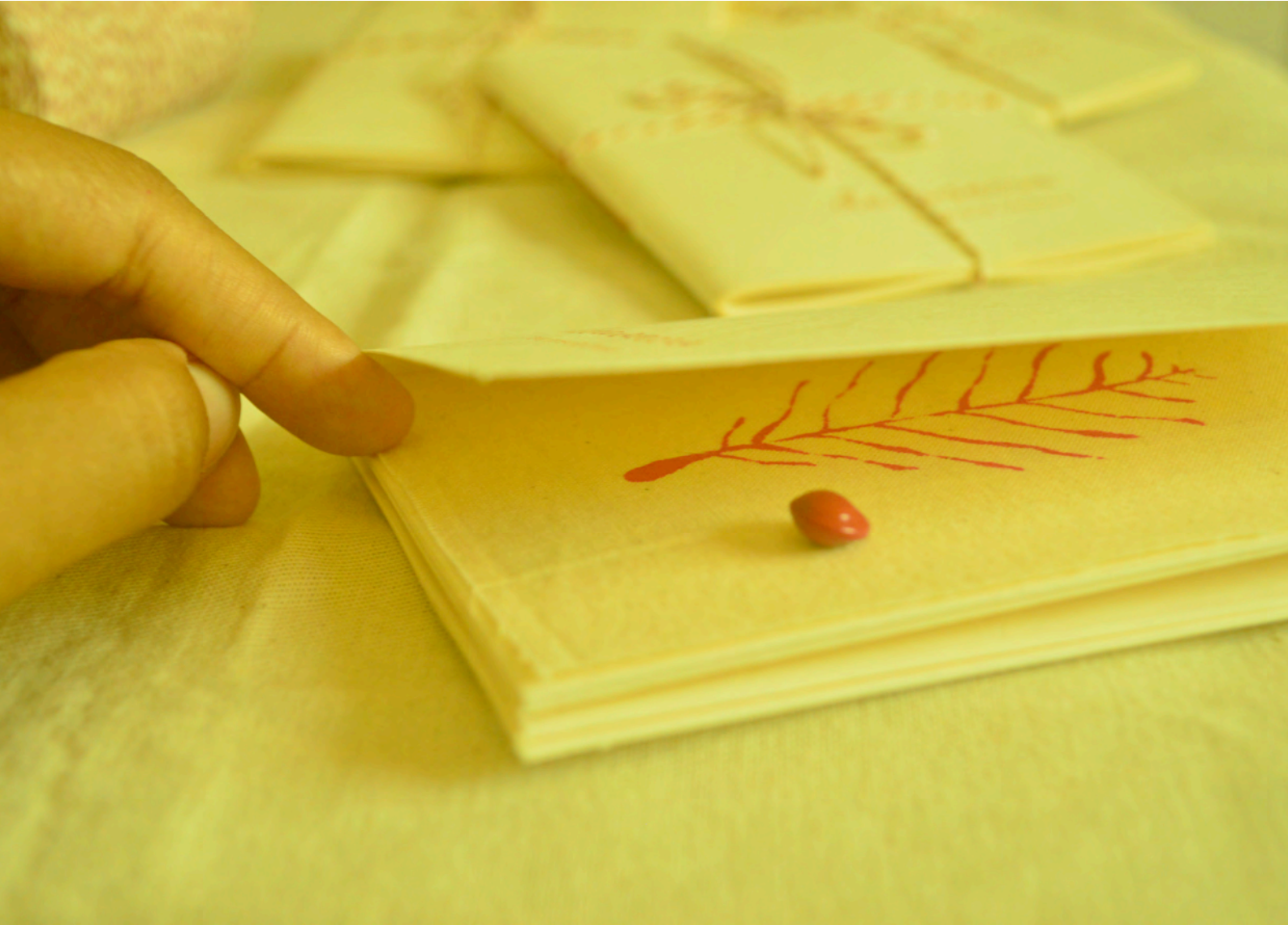
Sinto que o livro *Refugos* foge à essência da autora de costurar os livros e a entrega acaba sendo mais comercial, claro que a leitura continua sendo impactante com seus versos sólidos, líquidos e gasosos, mas senti falta daquele cuidado artesanal. Essa edição de *Refugos* fez parte de um desafio, que a própria autora diz “bom e necessário”. Na entrevista acima, ela fala que: “Foi importante “desapegar” de querer cuidar e dar sentidos também no fazer-o-livro e confiar esse processo editorial a outras pessoas. Importante para o reconhecimento e espalhamento dessa produção e, também, para vivenciar a experiência de ser publicada por outro”.

Apesar disso, digo-lhe em pensamento: não me culpe por isso, mas lhe conheci e me apaixonei pela delicadeza do seu fazer artístico com as palavras e com a edição dos livros. Anseio pela minha cópia física de *Cartas a Tereza*, pois me você me acostumou mal. Acredito que a cópia digital é muito fria, apesar de os versos terem o poder de tornar nossas emoções em um verão intenso.

Por muito tempo trabalhei com processos de licitação e fazia cotação de preços para vários produtos, mas nunca tinha pensado em uma cotação para viver e realizar aquilo que tenho vontade. O medo e as dificuldades não devem me paralisar, pois para tudo se paga um preço e Deisiane me apresentou que até “para iludir-se” tem de pagar, nem que seja a “crédito” e “para sonhar tem de pagar com juros” (2019b, p 11-12). “E se fabrica o ovo/e se fabrica o ovo” (2019b, p. 9) e não devemos temer o romper de sua casca e ganhar o mundo.

Assim, Deisiane se apresenta de “peito estufado”, vitoriosa, naquilo que ela se propôs a fazer. Obras cheias de significado, de emoções e de afeto, que certamente afetaram muitas mulheres, da mesma forma como fui afetada. A certa altura na entrevista acima, Deisiane diz: “tenho dificuldade de elaborar as coisas em conceitos bem resolvidos” e, igual a ela, sigo na busca constante de identificar aquilo que me atravessa. Faz três meses que comecei a dobrar “as lembranças em embrulhos delicados” (2019, p. 22) na minha mente, anotando versos, trechos que me marcaram, tentando ouvir as Terezas dentro de mim, ao me concentrar

nos versos habitados no recôncavo da Deisiane. Obras afetivas que desencadeiam emoções e sensações. Que precisam ser lidas e apreciadas como corpo-casa-alma.



(*"Palavra é mais fácil que silêncio"*. Foto: Deisiane Barbosa)

Leitura andarilha 3: memória e cotidiano em *Cartas a Tereza*

Arilma Reis Conceição

*Tenho atravessado o dia...
o tempo finge que caminha tranquilo. Sorrateiro no entanto, ele circula num
percurso que faz a vida girar.*

Deisiane Barbosa

Meu primeiro contato com a escrita da jovem poeta, escritora e artista Deisiane Barbosa foi através da indicação do professor Rubens da Cunha (CECULT/UFRB). A poeta apresenta uma escrita carregada de vida que vagueia entre palavras e imagens, entre versos que afloram em memória saudosa.

Através de um breve estudo sobre *Cartas a Tereza*, o que chamou a minha atenção foi uma narrativa que transfigura um espaço de afeição, com uma carga recíproca de troca de afetos entre o tempo, o lugar e a família, as histórias saudosas registradas em versos intensos, cheios de memória, ou, como nos diz a poeta a certa altura: “vão restando memórias que escalam a poeira das paredes de minha infância. vão se incrustando nos cantos do chão de tijolos, as lembranças remanejadas.” (BARBOSA, 2021, p. 21).

Dessa forma, *Cartas a Tereza* pode ser visto como uma narrativa que visa lembrar e transpor a essência do ato de escrever, propondo tanto a percepção e a consciência da memória quanto a observação de si mesma, sobretudo daqueles sentimentos e das sensações mais difíceis, de modo a configurar um relato destinado à outra, àquela que se chama Tereza:

há dias acontece comigo, Tereza. paio alvoroçada, moída, resfolegando ansiedade mal passada, atropelando os passos em meio à quentura da rua, chegando atrasada aos lugares, olhando os postes, os cachorros da esquina, completamente dispersa. no final das contas, minha vida está à parte de tudo o que me rodeia, mas o meu desejo de a qualquer custo viver, ainda que incógnita, assimétrica, mutante, metamórfica... persiste. (BARBOSA, 2021, p. 26-27)

Na profundidade das cartas identificamos um lirismo que nos permite viver um encontro de sentimentos caligrafados em uma linguagem que se estende por versos que, o tempo inteiro, demarcam lembranças, mas, ao mesmo tempo, superações:

há dias em que não consigo sequer escrever uma carta. mas a real e mais urgente necessidade mesmo é a de pausar. atirar-me num sono incolor, sem sonho, profundo, passivo. depois acordar. bem vagarosamente, dobrar-me em uma, duas ou três e, totalmente arrumada, prosseguir.

mas então eu dormi, depois acordei, (BARBOSA, 2021, p. 27)

A poeta escreve sobre a delicadeza de relatos de percursos rotineiros, sobre a transição do viver entre a dor e a suavidade do dia a dia, mostrando o caminho que o sujeito transita e que compõe as repetições do cotidiano. Assim, *Cartas a Tereza* traz uma poética em torno do cotidiano que explora a escrita de cartas e texto literário além do suporte visuais, misturando a ficção e a realidade com a finalidade de estabelecer trocas de afetos. Trata-se, portanto, de uma escrita que floresce o sentimento e provoca no leitor o despertar das emoções.



Andarilha de cartografias insólitas. Ilustração: Anacoruja (@anacoruja)

Os mapas

Sobre Deisiane Barbosa

BARBOSA, Deisiane. *Cartas a Tereza: fragmentos de uma correspondência incompleta*. Cachoeira: Edição independente, 2015.

_____. 20 Terezas, inesperadamente, esperam. *Cartas a Tereza*. 14 de julho de 2015a. Disponível em

<https://cartasaatereza.wordpress.com/2015/07/14/20-terezas-inesperadamente-esperam/#more-230>. Acesso em: 04 ago. 2021.

_____. *Cartas a Tereza: confluências entre escritas, imagens e errâncias na cidade*. Trabalho de Conclusão de Curso. Artes Visuais. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, 2016. Disponível em

<https://www2.ufrb.edu.br/artesvisuais/producao-discente-tcc-s>. Acesso em: 09 ago. 2021.

_____. *Desavesso*. Cachoeira: Ed. Do Autor, 2016a.

_____. Cadê Tereza? *Cartas a Tereza*. 20 de outubro de 2016b. Disponível em <https://cartasaatereza.wordpress.com/2016/10/20/cade-tereza/> Acesso em: 04 ago. 2021.

_____. uma-busca-por-tereza-na-ilha-de-itaparica. *Cartas a Tereza*. 28 de setembro de 2016c. Disponível em

<https://cartasaatereza.wordpress.com/2016/09/28/uma-busca-por-tereza-na-ilha-de-itaparica/> Acesso em: 04 ago. 2021.

_____. 25 de Julho. *Cartas a Tereza*. 25 de julho de 2016d. Disponível em <https://cartasaatereza.wordpress.com/2016/07/25/25-de-julho/>. Acesso em: 04 ago. 2021.

_____. Para Tereza, uma carta enquanto caminho. in: BORRE, Luciana (org.). *Tramações (2ª edição): sobre a visualidade em queda*. Recife: EdUFPE, 2019. Disponível em

<http://www.ccta.ufpb.br/ppgav/contents/menu/institucional/publicacoes>. Acesso em: 04 ago. 2021.

_____. Levantes Poéticos: Terezas tecem Terezas / Conceição das Crioulas. in: BORRE, Luciana (org.). *Tramações (2ª edição)*: sobre a visualidade em queda. Recife: EdUFPE, 2019. Disponível em <http://www.ccta.ufpb.br/ppgav/contents/menu/institucional/publicacoes>. Acesso em: 04 ago. 2021.

_____. *Refugos*. Salvador: Segundo Selo, 2019b

_____. *inventário / da ilha \ de Tereza: cartografias de um livro devir*. Dissertação. Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal da Paraíba. 2020. 171.f. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/40197>. Acesso em 10 Ago. 2020.

_____. *Cartas a Tereza*. 2ª Edição. Conceição da Feira: Andarilha, 2021.

Gerais

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

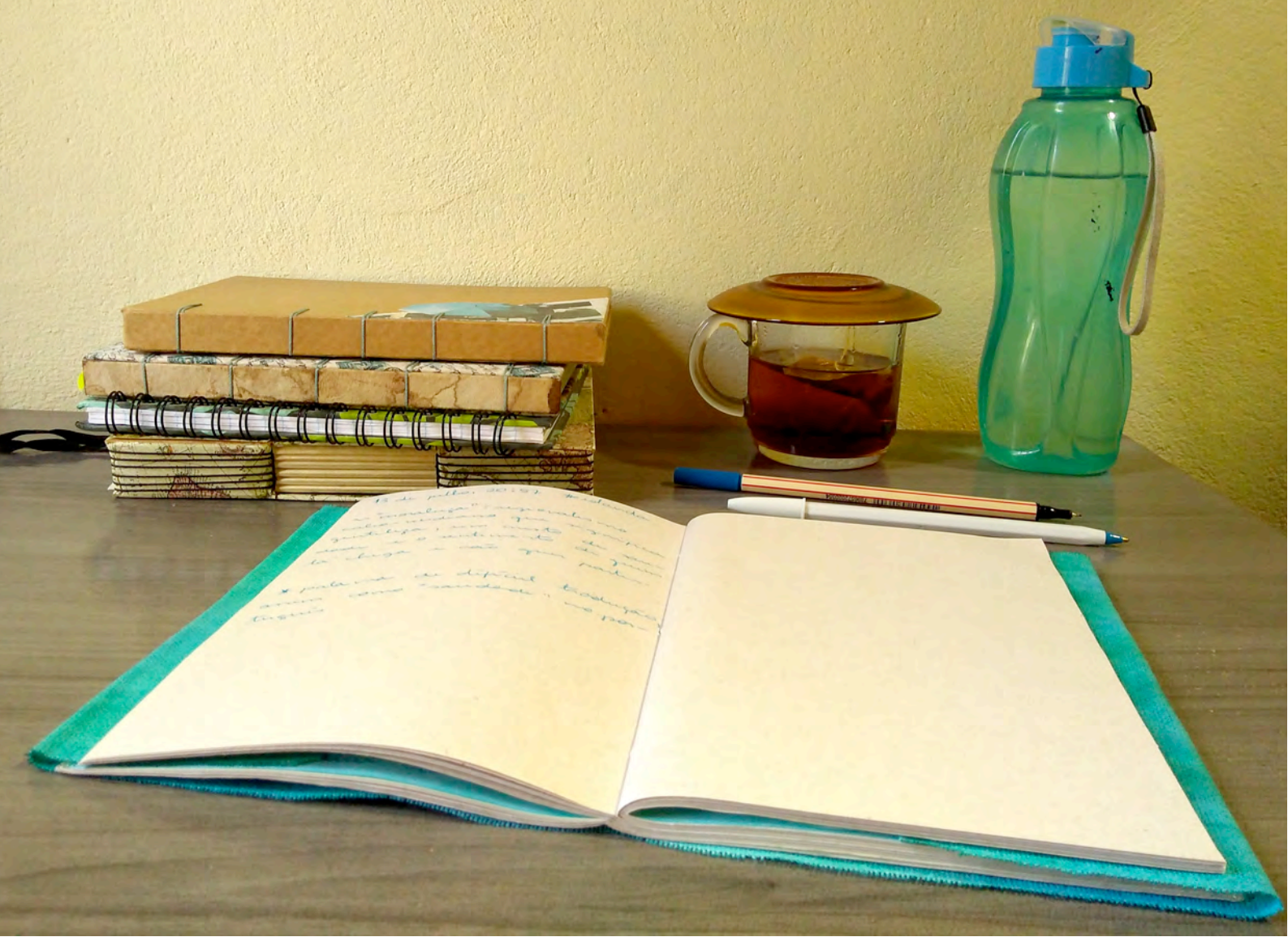
AUGUSTO, Jorge. Contemporaneidades periféricas: primeiras anotações para alguns estudos de caso. In: AUGUSTO, Jorge. (Org.) *Contemporaneidades Periféricas*. Salvador: Segundo Selo, 2019.

BASBAUM, Ricardo. *manual do artista-etc*. Rio, Beco do Azougue, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *Pós*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG. v. 2, n. 4, p. 204-219, nov. 2012. Disponível em <https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/60> Acesso em: 04 ago. 2021.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: UFJF, 2005

SOUZA, Florentina. Mulheres negras escritoras. In: AUGUSTO, Jorge. (Org.) *Contemporaneidades Periféricas*. Salvador: Segundo Selo, 2018.



(Estação de trabalho. Foto: Deisiane Barbosa)

*haja peito aja pé
haja pé aja peito*

Deisiane Barbosa in: *Refugos*